



II Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Ernesto Laclau e seus Interlocutores
25 a 27 de setembro de 2017
Pelotas/RS – Brasil

Grupo de Trabalho 3: Teoria do Discurso, Ciência e Tecnologia

A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e a epistemologia da
Thomas Kuhn:
o discurso do (e enquanto) paradigma

Carolina Costa Dos Santos
Mestranda em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência
Política da Universidade Federal de Pelotas
E-mail: soleitzcarolina@gmail.com



A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e a epistemologia de Thomas Kuhn:
o discurso do (e enquanto) paradigma

Carolina Costa Dos Santos

RESUMO:

A Teoria do Discurso, de inspiração laclauiana, constituiu-se enquanto singular ferramenta para a compreensão do social. O discurso, na perspectiva de Laclau, apresenta-se enquanto mais que um conjunto de sentidos articulados e partilhados socialmente, mas enquanto um contínuo processo de (re)significação. A noção de paradigma, proposta por Thomas Kuhn, por sua vez, diz respeito ao conjunto de regras, normas e valores, isto é, de um modelo consensual através do qual a ciência se desenvolveria ao longo do tempo. Neste trabalho, defendemos o discurso enquanto constructo e construtor de paradigmas. Nosso objetivo é, diante do exposto, construir um diálogo entre as noções de discurso de Ernesto Laclau e de paradigma de Thomas Kuhn, partindo da ideia do discurso enquanto discurso do (e ao mesmo tempo enquanto) paradigma. Tal afirmativa busca defender, ao mesmo tempo, a matriz epistemológica de Laclau – na qualidade de pós-estruturalista – enquanto uma (das inúmeras perspectivas teóricas, essencialmente contemporâneas) quebra de paradigma nas Ciências Sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria do Discurso; Paradigma; Laclau; Kuhn.



Introdução

A Teoria do Discurso, de inspiração laclauiana, constituiu-se enquanto singular ferramenta para a compreensão do social. O discurso, na perspectiva de Laclau, apresenta-se enquanto mais que um conjunto de sentidos articulados e partilhados socialmente, mas enquanto um contínuo processo de (re)significação. A noção de paradigma, proposta por Thomas Kuhn, por sua vez, diz respeito ao conjunto de regras, normas e valores, isto é, de um modelo consensual através do qual a ciência se desenvolveria ao longo do tempo.

Neste trabalho, defendemos o discurso enquanto constructo e construtor de paradigmas. Nosso objetivo é, diante do exposto, construir um diálogo entre as noções de discurso de Ernesto Laclau e de paradigma de Thomas Kuhn, partindo da ideia do discurso enquanto discurso do (e ao mesmo tempo enquanto) paradigma. Tal afirmativa busca defender, ao mesmo tempo, a matriz epistemológica de Laclau – na qualidade de pós-estruturalista – enquanto uma (das inúmeras perspectivas teóricas, essencialmente contemporâneas) quebra de paradigma nas Ciências Sociais. Para tanto, buscar-se-á recorrer essencialmente a breve revisão teórica dos autores.

Apontamentos a propósito da crise da ciência e da emergência da complexidade teórica

A “crise da ciência” - ou a crise do determinismo ou ainda a crise da verdade – percebida no século vinte possibilitou a emergência de uma significativa complexidade nos saberes científicos. O questionamento de quaisquer verdades fundamentais se centrava na ideia de que, no mundo, os fenômenos, isto é, aquilo que se mostra, aquilo que aparece, a realidade percebida por nós mesmos – ou



pelos nossos sentidos – não trata-se de uma realidade última, mas sim de uma realidade distorcida. Tal afirmativa leva, essencialmente, ao questionamento da ideia de verdade última, de realidade conhecidamente esgotável. Nesse cenário, a ideia central postulava que a realidade não se esgota em uma única percepção.

A crise percebida no século vinte trata-se de mais que uma crise da ciência, como também uma crise da metafísica – que retoma principalmente as questões do ser e do dever, especialmente com Friedrich Nietzsche, além de uma crise epistemológica. Esse conjunto de crises, enquanto questionamento e mesmo perda de alguns cânones explicativos possibilitaram a emergência de todos os “pós” surgidos essencialmente a partir dessa crise de fundamentação. Pós-estruturalismo, pós-fundacionalismo, pós-modernidade, pós-crítica são apenas alguns exemplos.

Dado que a realidade não se esgota em nenhuma percepção, tem-se que o entendimento é sempre um entendimento limitado, isto é, um entendimento de alguma coisa em um determinado contexto. O mundo natural, aqui, é algo completamente diferente do mundo metafísico. No mundo natural, tem-se uma realidade que se apresenta enquanto distorcida e fictícia. O mundo metafísico, por sua vez, aquele que encontra-se além da *physis* se apresenta enquanto uma necessidade de existência para ocorrência de sentido. Tal afirmativa quer dizer que é necessário que exista um algo no mundo metafísico e que é essa existência além da *physis* que confere algum sentido ao que exista no mundo real.

Diante do exposto, cumpre destacar que a aparência das coisas não revela seu verdadeiro ser, de modo que o ser das coisas – cuja essência é imutável – só pode ser apreendido no mundo além da *physis*, isto é, no mundo metafísico. O ser das coisas, aqui, é o responsável pela sua origem, como o que torna possível sua existência. Ainda assim, capturar o ser das coisas – ou o ser das coisas como elas realmente são – é uma impossibilidade, uma vez que esse ser das coisas não habita o mundo fenomênico, isto é, não se mostra no mundo natural. No mundo dos



fenômenos – no mundo natural ou na *physis* – todas as coisas que se apresentam são ente ou entidade.

Todo o questionamento sobre o ser das coisas orquestrado essencialmente pela metafísica – que trata-se de um domínio da filosofia – revela verdades que só podem ser intuídas. A metafísica, assim, privilegia a razão, uma vez que é somente através da razão que pode-se chegar a uma verdade – ainda que intuída – dado que a natureza da metafísica é meramente especulativa. Sendo assim, somente através da especulação tornar-se-ia possível chegar ao ser das coisas – que, conforme mencionado, não habita o mundo fenomênico – e, além disso, à verdade.

A crise da razão evidencia a crise da metafísica. O retorno a Kant depois de uma crise do idealismo alemão evidencia uma crise do sujeito transcendental cartesiano. É com Nietzsche, considerado um arauto da modernidade por trazer a própria noção de verdade enquanto crise, que se evidencia ainda mais a crise da metafísica – e da razão – além de uma crítica essencial ao sujeito transcendental, isto é, do sujeito enquanto algo transcendente, algo que perpassa todos os seres, que está em todos os seres. A crise da metafísica, essencialmente, enquanto crise da razão, junto a crise da ciência e a crise da epistemologia levaram a uma crise de fundamento, que questionou objetividade e subjetividade das tentativas teóricas de explicar a realidade. A superação dos cânones explicativos até então dados – e de alguns fundamentos – levou a necessidade de adaptações e constructos teóricos cada vez mais complexos, visando dar conta de uma realidade que tem como maior característica também a complexidade.

A emergência de todos os pós, conhecidos da contemporaneidade, proporcionada pela crise atravessada pela ciência, pela epistemologia e pela metafísica, conhecida por uma crise da verdade, de cânones explicativos e de fundamentos leva a questionamentos profundos no fazer científico. A criação de teorias cada vez mais complexas essenciais para a compreensão de uma realidade



também cada vez mais complexa levou diversos pensadores a repensar os fundamentos sob os quais até então assentavam-se constructos teóricos e paradigmas até então estabelecidos. Em outras palavras,

Teorias com maior grau de complexidade como a teoria do discurso necessitam, em suas construções, levar em consideração conhecimentos não apenas de origem disciplinar diferente (as chamadas disciplinas de fronteira, tais como a filosofia, a psicologia, a história, o direito etc.), mas também se movimentam de forma vertical, no que diz respeito aos debates filosófico, epistemológico e metodológico. Em outros termos, as teorias, quando formuladas, além de extravasarem seus domínios disciplinares, socorrendo-se de outras áreas do conhecimento (horizontalmente), também o fazem em diferentes graus de profundidade; nesse sentido, movimentam-se (verticalmente) nos diferentes extratos do debate filosófico-epistemológico e metodológico. São justamente esse dois movimentos (horizontal e vertical) que as teorias complexas executam e que acabam por lhe conferir um poder explicativo mais efetivo. Porém, como efeito colateral, tais fatores também determinam um maior grau de dificuldade de apreensão/compreensão de tais teorias (MENDONÇA, RODRIGUES E LINHARES, 2017, p. 12-13).

A crise de uma fundamentação, dentre muitos outros pós (como pós-estruturalismo, pós-crítica, pós-modernidade e etc.) levou a emergência do pós-fundacionalismo, enquanto uma teoria complexa que busca dar conta da realidade a partir de um constructo teórico também complexo. O pós-fundacionalismo aponta os fundamentos como sempre contingentes, sempre precários.

Em razão das crises e pelo reconhecimento dessas crises vividas pela ciência, apontou-se que os fundamentos que até então estabilizavam diversas perspectivas teóricas foram abaladas. Esse abalo de fundamentos levou o pós-fundacionalismo a defender que a desfundamentação também pode ser um fundamento.

Nietzsche, na modernidade, apresenta um discurso de questionamento geral das bases nas quais se assentam o sujeito e qualquer noção de verdade última. Para Nietzsche, só há a impossibilidade de estabelecer verdades, não havendo um



fim a ser buscado – ou alcançado – daí seu niilismo. Heidegger, por sua vez, busca o ser das coisas. Ser, aqui, é o que propicia a manifestação da entidade – dos entes e, desse modo, quando a entidade se manifesta o ser se oculta, o que permite dizer que a entidade se fundamenta em sua própria regularidade.

A Ciência, enquanto forma de produção de conhecimento, sempre esteve preocupada em explicar os fenômenos, isto é, os acontecimentos da *physis* e ainda verdades sobre o mundo. De outro lado, o não demonstrável trata do ser e, portanto, do metafísico (através da filosofia e seu caráter especulativo). O crescimento dos dissensos e a perda da estabilidade leva os discursos científicos a uma disputa por hegemonia no campo discursivo da ciência: a crise da ciência é uma crise também de fundamentos, talvez não essencialmente de seus fundamentos gerais, mas do crescimento de dissensos teóricos, de uma crise de fundamentação que sempre esteve presente, disfarçada no assentamento de uma verdade última, que finalmente se intensificara. A interrogação sempre comentada, isto é, crítica de constructos teóricos e posições ante a esses mesmos constructos teóricos irradia na teoria pós-fundacionalista: uma crítica, questionamento e ao mesmo tempo apreciação quanto a uma possibilidade de fundamentar e mesmo de desfundamentar o fazer (e o saber) científico. Diante do exposto, e inseridos numa matriz epistemológica pós-estruturalista, buscar-se-á trazer a perspectiva teórica de Ernesto Laclau para analisar o paradigma kuhniano, reforçando a impossibilidade de estabelecer uma essência final para a sociedade e mesmo para sua significação e ressignificação contínuas.

Considerações sobre paradigma e discurso

Thomas Kuhn – um dos principais epistemólogos do século vinte, propôs em *A Estrutura das Revoluções Científicas*, algumas noções essenciais para a Ciência e



o fazer científico. De acordo com Rodrigues, Neves e Anjos (2016), “Thomas Kuhn, seguido de Popper, certamente foi o filósofo da ciência mais lido e mais criticado durante o século XX. Foi o teórico da Ciência, rivalizando com Popper, que mais desferiu golpes à chamada “concepção herdada” (RODRIGUES, NEVES e ANJOS, 2016, p. 31). Partilhando de algumas das noções de Karl Popper e criticando outras, Kuhn desenvolve seu constructo teórico tendo como ponto de partida o fazer ciência. Trazendo conceitos como ciência normal e paradigma, buscou destacar a construção do fazer científico enquanto uma sequência de articulações que possibilitam o seu próprio desenvolvimento. Para o autor, fazer ciência trata-se não somente das pesquisas que apresentaram resultados que revolucionaram o saber científico, mas mesmo daquelas que apresentaram resultados que, ainda que não dentro do esperado, contribuíram de algum modo para a consolidação – ainda que momentânea, já que uma teoria está sempre pronta a ser substituída por outra que apresente resultados mais significativos quanto ao desenvolvimento da ciência. Nas palavras de Kuhn (1979):

Há uma espécie de “enunciado” ou “hipótese” que os cientistas submetem repetidamente ao teste sistemático. Tenho em mente os enunciados das conjeturas de um indivíduo acerca da maneira apropriada de ligar seu problema de pesquisa ao corpo do conhecimento científico aceito. Ele pode conjeturar, por exemplo, que determinada incógnita química contém o sal de uma terra rara, que a obesidade dos seus ratos experimentais se deve a um componente específico da dieta deles, ou que um modelo espectral recém-descoberto deve ser compreendido como um efeito do spin nuclear. Em cada caso, os passos seguintes de sua pesquisa se destinarão a testar a conjetura ou hipótese. Se esta passar por uma quantidade suficiente ou suficientemente persuasiva de testes, o cientista fez uma descoberta ou, pelo menos, resolveu o enigma em cuja solução estava empenhado. Caso contrário, terá de abandonar inteiramente o enigma ou tentar resolvê-lo com o auxílio de outra hipótese qualquer. Embora nem todos, muitos problemas de pesquisa assumem essa forma. Os testes desse tipo representam um componente comum do que denominei “ciência normal” ou “pesquisa normal”, responsável pela imensa maioria do trabalho realizado em ciência básica (KUHN, 1979, p. 9).



Diante do exposto, temos o paradigma enquanto o conjunto de normas, de valores, de uma visão momentaneamente consolidada no fazer científico. O paradigma, na perspectiva kuhniana, trata-se de um modelo consensual que permite que a ciência consolidar-se e desenvolver-se ao longo do tempo. Consolidar-se porque possibilita que estabeleça seu discurso enquanto “paradigma do momento”. Que permite o desenvolvimento da ciência pois, ainda que busque aparar arestas continuamente, também possibilita a existência de lacunas a serem preenchidas e a consequente possibilidade da construção e estabelecimento de um outro paradigma. De acordo com Kuhn (1996):

Um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma. Nem todas as circularidades são viciadas [...], mas esta circularidade é uma fonte de dificuldades reais. As comunidades podem e devem ser isoladas sem recurso prévio aos paradigmas; em seguida esses podem ser descobertos através do (escrutínio) do comportamento dos membros de uma comunidade dada (KUHN, 1996, p. 219).

A emergência de contínuas e significativas possibilidades de articulações para significação e ressignificação de sentidos atua enquanto peculiar possibilidade para a construção e fixação de significados. Ainda que um discurso possa englobar um conjunto significativo de sentidos e atribuir a si mesmo durante um certo período o estatuto de “paradigma”, a contingência e a precariedade a qual o social encontra-se continuamente exposto não permitirá que esse paradigma se fixe para todo o sempre. Segundo o autor:

[...] uma comunidade científica é formada pelos praticantes de uma especialidade científica. Estes foram submetidos a uma iniciação profissional e a uma educação similares, numa extensão sem paralelos na maioria das outras disciplinas. Neste processo absorveram a mesma literatura técnica e dela retiraram muitas das mesmas lições. Normalmente as fronteiras dessa literatura-padrão marcam os limites de um objeto de estudo científico e em geral cada comunidade possui um objeto de estudo próprio. Há escolas nas ciências, isto é, comunidades que abordam o mesmo objeto científico



a partir de pontos de vista incompatíveis; Mas são bem mais raras aqui do que em outras áreas; estão sempre em competição e na maioria das vezes essas competições terminam rapidamente. O resultado disso é que os membros de uma comunidade científica vêm [sic] a si próprios e são vistos pelos outros como os únicos responsáveis pela perseguição de um conjunto de objetivos comuns, que incluem o treino de seus sucessores. No interior de tais grupos a comunicação é relativamente ampla e os julgamos profissionais relativamente unânimes. Uma vez que a atenção de diferentes comunidades científicas está focalizada sobre assuntos distintos, a comunicação profissional entre grupos é algumas vezes árdua (KUHN, 1996, p. 220-221).

Do mesmo modo, cabe salientar, Kuhn não busca um paradigma que perdure no tempo, ressaltando que um saber científico está continuamente exposto a ser refutado e substituído por outro saber. Sendo assim, busca-se construir uma articulação entre a noção de discurso laclauiana e a noção de paradigma kuhniana, partindo da ideia do discurso como (e ao mesmo tempo enquanto) paradigma. Tal afirmativa busca defender, ao mesmo tempo, a matriz epistemológica de Laclau – na qualidade de pós-estruturalista – enquanto uma (das inúmeras perspectivas teóricas, essencialmente contemporâneas) quebra de paradigma nas Ciências Sociais.

Para Thomas Kuhn, quando um paradigma é superado é quando ocorre uma revolução científica, uma transformação no saber científico, uma alteração significativa no que chama de a ciência normal. Ciência normal, para Kuhn, é aquela ciência que se faz todos os dias, os resultados obtidos sendo de fato aplicados na realidade para a consolidação do saber científico. As vacinas, a energia elétrica, a termodinâmica em aplicação, por exemplo. A revolução científica que responde a superação de um paradigma anterior leva a uma alteração no discurso científico, conforme mencionado, revolucionando seu modo de pensamento e de construção. A crise de um paradigma levaria necessariamente a uma crise de fundamentação, que atravessaria o terreno da construção científica sobre ele erigida. A resposta para isso seria, além de tudo, uma alteração no campo do discurso. De acordo com Laclau (2014):



Supongamos que hay un barrio en el que existe violencia racial, y que la única fuerza capaz de confrontarla en esa área son los sindicatos. Cualquiera pensaría que, normalmente, oponerse al racismo no es la tarea natural de los sindicatos, y si es asumida por ellos en ese lugar, es por una constelación contingente de circunstancias sociales. Es decir que tal "asunción" se deriva de una relación de contigüidad; esto es, que su naturaleza es metonímica. Pensemos, sin embargo, que esta "asunción" continúa por un largo período de tiempo; en este caso, la gente se acostumbraría a esa asunción y tendería a pensar que ella es parte normal de las prácticas de los sindicatos. De modo que lo que era un caso de articulación contingente se convierte en una parte del significado central del término "sindicato"; la "contigüidad" se convierte en "analogía"; la "metonimia": en "metáfora". Anticipándonos a lo que discutiremos más adelante, podemos decir que esto es inherente a la operación política central que llamamos "hegemonía": el movimiento de la metonimia hacia la metáfora, de la articulación contingente a la pertenencia esencial. El nombre - de un movimiento social, de una ideología, de una institución política - siempre es la cristalización metafórica de contenidos cuyos vínculos analógicos son el resultado de ocultar la contigüidad contingente de sus orígenes metonímicos. A la inversa, la disolución de una formación hegemónica involucra la reactivación de esa contingencia: el retorno desde una fijación metafórica "sublime" a una humilde asociación metonímica (LACLAU, 2014, p. 80).

De acordo com Ernesto Laclau, o social é continuamente atravessado por infinitas possibilidades de significação e de atribuições de sentido. Uma vez que esses sentidos são partilhados socialmente e só fazem sentido dentro de um limite, isto é, dentro de sua própria contingência, se apresentam enquanto possibilidades de construção contínua de discursos. Sendo assim, uma vez que a emergência de um novo discurso não diz respeito somente a um único indivíduo, mas ao grupo que partilha um conjunto de sentidos social e historicamente, isso significa uma transformação na perspectiva desse mesmo grupo de significar o mundo ao seu redor. A quebra de paradigma é também uma quebra de discurso, mas não uma transformação de sentido, considerando que mesmo a percepção da transformação paradigmática é ainda o resultado de um paradigma anterior.



Referências

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 5ª Ed, 1996.

KUHN, Thomas. Lógica da descoberta ou psicologia da pesquisa? In: LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan (Orgs.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 5-31.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e Diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LACLAU, Ernesto. **Los fundamentos retóricos de la sociedad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

MENDONÇA, Daniel De; RODRIGUES, Léo Peixoto; LINHARES, Bianca. Da verdade metafísica à verdade antropológica: elementos filosóficos para a compreensão do pós-fundacionalismo. In: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto; LINHARES, Bianca. **Ernesto Laclau e seu legado transdisciplinar**. São Paulo: Intermeios, 2017. p. 11-17.

RODRIGUES, Léo Peixoto; NEVES, Fabrício Monteiro; ANJOS, José Carlos Dos. A contribuição da Sociologia à compreensão de uma epistemologia complexa da Ciência contemporânea. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, nº 41, jan.-abr. 2016, p.24-53.